

**O Ensino de Arquitetura e a Trajetória dos
Alunos Brasileiros na École des Beaux-Arts
em Paris no Século XIX**

Dra. Sonia Gomes Pereira – CBHA – UFRJ

O Ensino de Arquitetura e a Trajetória dos Alunos Brasileiros na *École des Beaux-Arts* em Paris no Século XIX

Dra. Sonia Gomes Pereira

CBHA – UFRJ

O sistema francês de formação de artistas teve uma dupla importância no século XIX. Não apenas constituiu o modelo de metodologia de ensino para as escolas no gênero em praticamente todo o mundo ocidental, como funcionou também como espaço privilegiado de aperfeiçoamento para estrangeiros.

No caso brasileiro, estas relações adquiriram ainda maior impacto, pela forma como foi implantado o ensino artístico oficial no país: primeiro, através da contratação em 1816 da Missão Francesa; depois, com a abertura em 1826 da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, em que a ação dos mestres franceses - sobretudo Debret e Grandjean de Montigny - manteve esta espécie de ligação direta com a França, reforçada ainda mais pela atuação de Félix-Emile Taunay como diretor de 1834 a 1851.

Grandjean de Montigny representava o modelo de ensino francês no seu escalão mais alto: vencedor do *Grand Prix de Rome* em 1799 - última etapa neste sistema de ensino, evento mais importante do ano acadêmico, noticiado na imprensa especializada da época e bastante influente em decorrência da exposição e da publicação dos desenhos dos ganhadores.

Pela documentação referente a este concurso de 1799, ou ano 7 da República Francesa ¹, verificamos que os temas propostos para os candidatos foram uma mesquita na primeira etapa e um cemitério público na segunda etapa; dos oito finalistas, os dois primeiros lugares ficaram com Louis Gasse e Grandjean ². A grafia de seu nome aparece sempre como Grand-Jean, sem o Montigny ³ e é apresentado como aluno de Percier e Delannoy. Entre os demais concorrentes, são citados Debret, Guénépin, Lebas, Famin – arquitetos que se destacariam posteriormente. Entre os julgadores, constam as assinaturas de David, Chalgrin, Peyre, entre outros, enquanto o professor responsável pelos temas é David Le Roy – todos personagens importantes, não apenas para o neoclassicismo, mas também na reorganização do ensino oficial nessa fase de transição, após a supressão das Academias em 1793 e a criação do Instituto de França em 1795. No caso de Charles Percier, essa importância ainda é maior, pois é atribuída a ele - em seu projeto ganhador do *Prix de Rome* de 1786, *Un édifice à ressembler les Academies* – a introdução dos eixos cruzados que garantiam maior funcionalidade à circulação, constituindo um dos traços primordiais do sistema compositivo da *Beaux-Arts* ⁴.

Os métodos de ensino de Grandjean aparecem claramente, quando se compara alguns de seus projetos – tais como os *Projetos para a Praça do Comércio* ⁵ – com desenhos de alunos, que fazem parte do acervo do Museu da Escola de Belas Artes D. João VI / UFRJ - tais como a *Composição inspirada no Pantéon*, de João Dias Pinto Aleixo, s/d, e *Ornato*, de Bethencourt da Silva, de 1845 – especialmente nas referências à arquitetura romana e no detalhamento arquitetônico, sobretudo das ordens. Mesmo após a sua morte em 1850, a referência a Grandjean ainda perdurava nos alunos da Academia, como é visível no desenho de um concurso escolar: *Projecto de uma Praça do Commercio*, sem autoria e sem data, mas certamente posterior a 1854, uma vez que traz a assinatura do Secretário João Maximiano Mafra, que começa a ocupar este cargo nesta data ⁶.

A instituição do prêmio de viagem, a partir de 1845, permitiu o reforço e a ampliação daqueles laços originais. A permanência na Europa possibilitou a vários artistas brasileiros o aperfeiçoamento técnico, segundo os preceitos da prática acadêmica, e a experiência do contacto imediato com todo o acervo, que constituía a grande tradição clássica do ocidente - daí a escolha alternativa entre Roma ou Paris para os estudos dos pensionistas. Dos 17 pensionistas da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, oito eram pintores, três escultores, dois gravadores de medalhas e quatro arquitetos; oito foram estudar em Roma, oito em Paris e um nas duas cidades – a preferência por Roma predominando nas décadas de 1840 e 1850 e a opção por Paris a partir dos anos 1860 ⁷. Apesar do prestígio crescente da *École des Beaux-Arts* de Paris ao longo do século XIX, a viagem e permanência em Roma sempre constituíram um elemento considerado primordial na formação do artista dentro do sistema de ensino francês – representando mesmo o seu ápice, como decorrência do concurso do *Grand Prix*.

Dos dois pensionistas arquitetos que foram estudar em Roma - Antônio Batista da Rocha, ganhador do prêmio de viagem em 1845, e Heitor Branco de Cordoville, vencedor em 1871 – podemos conhecer um pouco melhor a formação de Antônio Batista da Rocha, cujos envios se encontram no Museu D. João VI/EBA/UFRJ : *Fachadas do Templo de Fortuna Virile em Roma*, s.d.⁸ (Fig. 1). Batista da Rocha ficou em Roma de julho de 1846 a janeiro de 1849, ligado ao arquiteto Luigi Canina. Esses desenhos foram apresentados na IX Exposição Geral de Belas Artes em 1848 e constituíam um tipo de exercício avançado, em que era proposta a restauração de um monumento antigo ⁹. Após o seu regresso e com a morte de Grandjean em 1850, prestou concurso para Professor Substituto da cadeira de Arquitetura e foi indicado para Secretário da Academia, mas faleceu em agosto de 1854 com apenas 37 anos.

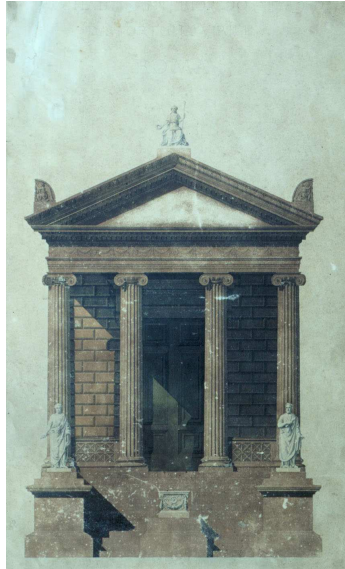


Fig. 1- Antônio Batista da Rocha
Fachada do Templo de Fortuna Virile, Roma, s/d
Museu da Escola de Belas Artes – D. João VI / UFRJ (79.909.04)

Os outros dois pensionistas arquitetos dirigiram-se para Paris : José Rodrigues Moreira, premiado em 1862, e Ludovico Berna, vencedor em 1887. Mas esses não são os únicos a estudar em Paris : outros arquitetos e engenheiros também estudaram em Paris, todos ligados à *École des Beaux-Arts*. Examinando a documentação da própria *École*, é possível acrescentar mais cinco nomes a esse grupo de arquitetos ou engenheiros. São eles : Jorge Grünewald, Francisco Caminhoá, Daniel Pedro Ferro Cardozo, José de Magalhães e Henrique Bahiana – Caminhoá usufruindo de uma subvenção da Assembléia Provincial da Bahia e os outros quatro aparentemente estudando com recursos próprios.

Vamos, então, nos concentrar nesses sete arquitetos/engenheiros, que comprovadamente estiveram ligados à Seção de Arquitetura, tentando entender a sua trajetória de estudo na *École* em Paris.

JORGE GRÜNEWALD

O engenheiro Jorge Rademaker Grünewald, nascido em 1833 no Rio de Janeiro, apresentou documentação na *École* para ser aceito como aspirante em 1850, em que consta uma transcrição de sua certidão de batismo, com o visto do Consulado do Brasil na França¹⁰. Mas só se submeteu ao concurso de admissão em outubro de 1854: apresentou-se na prova de Matemática, faltando ou sendo reprovado nas outras duas provas exigidas na época: Projeções Geométricas e Composição de Arquitetura¹¹. Como aspirante, Grünewald é identificado como aluno de Labrouste – o grande arquiteto Henri Labrouste, cujo ateliê se transformara no local de maior oposição à doutrina da Academia¹².

Jorge Grünewald também frequentou a *École de Dessin et de Mathématique*, escola fundada no século XVIII, que mais tarde, em 1877, passará a chamar-se Escola de Artes Decorativas¹³. Na documentação dessa escola¹⁴, aparecem vários alunos brasileiros: Jorge Grünewald está na lista de autorização definitiva de alunos estrangeiros para o 4º semestre de 1854, evidenciando que esteve envolvido nas duas escolas concomitantemente.

De volta ao Brasil, seu trabalho mais conhecido é o antigo prédio da Estação da Estrada de Ferro D. Pedro II, no Campo de Santana, no Rio de Janeiro, feito em 1858.

FRANCISCO CAMINHOÁ

Francisco de Azevedo Monteiro Caminhoá, nascido em 1838 na Bahia, foi aluno de arquitetura na Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro. Em 1855, recebeu da Assembléia Provincial da Bahia a subvenção de 200 francos mensais para estudar na Europa.

A sua ficha como aluno da *École*¹⁵ mostra que foi aceito como aspirante no ateliê de Lebas, que foi um dos mais influentes e populares ateliês de seu tempo¹⁶. Apresentou-se aos exames de admissão em 1857, que, exatamente neste ano, passaram a ter Desenho de Ornamento, além das três provas tradicionais - Composição de Arquitetura, Geometria Descritiva e Matemática. Segundo as atas de julgamentos de concursos de admissão¹⁷, os temas propostos foram : em Composição de Arquitetura, corte de pórtico e fachada de pátio de prédio para Ministério da Guerra; em Desenho de Ornamento, console com cabeça de leão.

A introdução do Desenho, tanto no exame de admissão como nos concursos de 2^a. e 1^a. classes, é bastante significativa. Sendo basicamente desenho de ornamento, evidencia o crescimento em importância que esse elemento passou a ter na formação do arquiteto a partir dos anos 1850. Corresponde a uma mudança de gosto, que se constata nessa época – o esgotamento do neoclassicismo, em suas diversas vertentes, em favor do ecletismo. Os grandes defensores da doutrina clássica estavam saindo de cena. Em 1849 morria Quatremère de Quincy - defensor da ortodoxia oficial, Secretário Perpétuo da Academia de Belas Artes desde 1816 e influente mesmo após sua renúncia em 1839. Em 1856, Henri Labrousse - um dos maiores críticos da Academia e da *École* e defensor de um classicismo de raiz racionalista - abandonou a atividade didática. Ao mesmo tempo, é nessa década que se iniciam o projeto e as obras de reforma de Paris, que criaram uma enorme demanda por uma arquitetura “mais moderna”, tendo sido um inegável incentivo ao ecletismo.

É possível retrazar a trajetória de Caminhoá como aluno de 2^a. classe através dos documentos já citados: a sua ficha de aluno e as atas de julgamentos de concursos de 2^a. classe¹⁸. Conseguiu obter recompensas em Matemática, em Perspectiva, nos quatro concursos de Construção (Geral, Pedra, Madeira e Metal) e em quatro concursos de Arquitetura – nesses

últimos, desenvolveu os seguintes programas: pátio de prédio para Ministério da Guerra, palacete mobiliado, escola de Botânica e mercado público. No final, apresentou os desenhos necessários para receber o grau de Desenho.

É importante observar que os concursos citados em sua ficha de aluno não são os únicos a que Caminhoá se submeteu. Evidenciando o processo normal de ensino da *École*, Caminhoá apresentou-se em inúmeros outros concursos, até conseguir ter as recompensas necessárias. A já citada documentação contendo listas de presenças em concursos de 2^a classe evidencia a grande atividade de Caminhoá como aluno, revelando, não apenas a sua própria formação, mas também a metodologia de ensino característica da *École* nesse período ¹⁹.

Embora a sua ficha de aluno não registre a passagem para a 1^a classe, efetivamente Caminhoá conseguiu fazê-lo em 1863 – fato comprovado pela ata do julgamento de 30/10/1863 ²⁰ e também apontado por Edmond Delaire, em seu levantamento dos alunos arquitetos ²¹. Como aluno de 1^a classe, só foi encontrado um único registro de Caminhoá na lista de concorrentes em concursos dessa categoria. Trata-se do julgamento em abril de 1865 do concurso de Composição de Arquitetura do tipo *Rendu*, com o tema : bolsa e tribunal de comércio para grande cidade do sul ²². Parece estranha a ausência de um ano e meio nos registros de 1^a classe. Uma das hipóteses seria a reviravolta na *École*, desencadeada pelo Decreto de novembro de 1863, que introduziu uma série de mudanças políticas e pedagógicas. Uma delas - a mudança na idade máxima do aluno para 25 anos - atingia Caminhoá, que já completara essa idade, estando, assim, sua permanência condicionada à autorização especial. Além disso, seu professor Lebas foi um dos mais visados nessa reforma, sendo destituído da cadeira de História da Arquitetura, que ocupava desde 1840. Os meses que se seguiram foram de intensa polêmica em torno das novas medidas. É possível que estes anos conturbados da vida da *École* tenham retardado ou até mesmo diminuído o percurso de Caminhoá

como aluno de 1ª classe, mas, de qualquer maneira, como estrangeiro, jamais poderia concorrer ao *Grand Prix*.

Na volta ao Brasil, Caminhoá desenvolveu grande atividade profissional: entre suas obras, constam a Catedral de Petrópolis, de 1889, e o Hotel Avenida, de 1911, no Rio de Janeiro, além de projetos não executados, como o *Monumento às vitórias no Paraguai*, no Campo de Santana, de 1874.

DANIEL PEDRO FERRO CARDOZO

Daniel Pedro Ferro Cardozo, nascido em 1837 no Rio Grande do Norte, foi aluno da Academia do Rio de Janeiro, onde obteve menções honrosas e medalhas de prata, tendo tentado, aparentemente sem sucesso, conseguir uma pensão para estudar no exterior²³.

Apesar de Cardozo não aparecer nas fichas de alunos na documentação da *École*, ele foi efetivamente aluno da 2ª. classe, conforme evidencia documentação referente a alunos estrangeiros²⁴, que o apresenta como tendo entrado na 2ª. classe em novembro de 1860, como aluno de Douillard²⁵. Segundo as atas de julgamentos de concursos de admissão²⁶, Cardozo apresentou-se em 1860, fazendo as quatro provas : Desenho de Ornamento, Composição de Arquitetura, Geometria Descritiva e Matemática. Em Desenho e Arquitetura, os programas dos concursos foram : cabeça de cariátides da Villa Albana e corpo da guarda, respectivamente. É interessante observar que, nessas atas de julgamento dos concursos de admissão, aparece o nome de Richardson, aluno de André, também admitido na 2ª classe na mesma data, e que será mais tarde grande arquiteto da Escola de Chicago²⁷.

A trajetória de Cardozo como aluno de 2ª. classe é possível de ser retracada através das atas de julgamentos de concursos desse tipo²⁸. Apesar de não ter conseguido nenhuma recompensa, inscreveu-se em quatro

concursos de Composição de Arquitetura – apresentando desenho em apenas um, com o tema : casa para quatro irmãos ²⁹. Cardozo, portanto, ficou na *École* pelo menos até abril de 1861, embora não tenha conseguido cumprir as exigências da 2^a classe. Foi contemporâneo de Caminhoá, tendo participado de alguns mesmos concursos.

Como outros alunos ligados à *École*, Cardozo estudou também na *École de Dessin et Mathématiques*, constando o seu nome na autorização de alunos definitivos no 4^o trimestre de 1860 ³⁰.

Apesar de haver a informação de que Cardozo só regressou ao Brasil em 1874³¹, não foi encontrado outro registro posterior a abril de 1861 em nenhuma das duas escolas a que esteve ligado. Após a sua volta ao Brasil, atuou em várias obras, sendo mais conhecido pela construção da cúpula da igreja da Candelária no Rio de Janeiro, entre 1874 e 1877.

JOSÉ RODRIGUES MOREIRA

José Rodrigues Moreira foi aluno da Academia do Rio de Janeiro, onde participou de várias exposições, obtendo o prêmio de viagem ao estrangeiro em 1862.

Como pensionista embarcou em julho de 1863, enfrentando na sua chegada à França a reforma da *École* decretada em novembro desse mesmo ano. A documentação da Academia no Rio ³² e a da *École* em Paris ³³ mostram as negociações para contornar o problema da mudança no limite de idade, pois Rodrigues Moreira ultrapassara o limite de 25 anos na época; finalmente, é dada permissão para que freqüente como aluno externo, ligado ao ateliê de Lebas - o mesmo de Caminhoá ³⁴.

Sendo aluno externo, não há nenhum registro seu na *École*. No entanto, sabendo-se que freqüentou a partir de julho de 1864 até, no máximo, abril de

1867, data do seu retorno ao Brasil, é possível imaginar como era a *École* nessa época. Tinha à sua disposição as conferências, inclusive das novas disciplinas, como História da Arte e Estética – assumida por Taine a partir de outubro de 1864. Viollet-le-Duc já havia renunciado em março de 1864 e algumas das mudanças já começavam a retroceder: o antigo prof. Lesueur havia voltado a fazer os programas dos concursos de Composição de Arquitetura desde junho de 1864. Para se aproximar dos exercícios que Rodrigues Moreira deve ter feito e também perceber que a metodologia de ensino praticamente não mudara com a reforma de 1863, é interessante examinar os programas dos concursos de 2^a classe propostos na *École* neste período ³⁵. Vários dos temas desses concursos – gabinete de leitura em passeio público, prefeitura, casa para juizado de paz, observatório, tribunal de justiça e asilo são exatamente os temas dos projetos apresentados pelo pensionista nas Exposições Gerais de 1865, 1866 e 1867 no Rio de Janeiro. No Museu D. João VI/EBA/UFRJ, está o *Hospice pour les deux sexes*, de 2/7/1865 (Fig. 2), assim como o envio *Corte de Edifício* ³⁶.

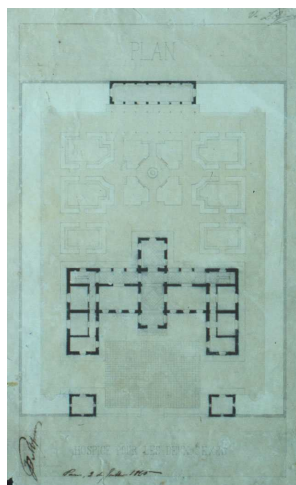


Fig. 2 - José Rodrigues Moreira
Planta de Asilo, Paris, 1865.
Museu da Escola de Belas Artes – D. João VI / UFRJ (79.926.04)

Rodrigues Moreira também participou da *École de Dessin et Mathématiques*: seu nome consta da autorização relativa ao 4º trimestre de 1863³⁷.

Após a volta ao Brasil, a sua atuação ainda está obscura. Até o momento, a única referência encontrada remete à abertura da Avenida Central no Rio de Janeiro, em que José Rodrigues Moreira é citado como autor da Casa Sucena.

JOSÉ DE MAGALHÃES

José de Almeida Magalhães, nascido em Pernambuco em 1851, era bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas e engenheiro-geógrafo, depois de freqüentar a Escola Central do Rio de Janeiro de 1871 a 1874.

A documentação sobre inscrições de estrangeiros³⁸ e a sua ficha de aluno³⁹ evidenciam que, desde julho de 1877, Magalhães já era aspirante na *École* como aluno de Daumet⁴⁰. As atas de julgamento de concursos de admissão⁴¹ mostram que Magalhães submeteu-se duas vezes a esses exames - em março e em julho de 1878 -, sendo aprovado nesta última data e admitido na 2ª classe em agosto de 1878. A admissão, nessa época, envolvia cinco provas: Composição de Arquitetura, Desenho de Arquitetura, Matemática, Geometria Descritiva e História.

Uma vez aluno de 2ª classe, a já mencionada ficha de aluno só registra um concurso de Elementos Analíticos em setembro de 1879. Nas atas de julgamentos de concursos de 2ª classe⁴², seu nome também só aparece no julgamento de Elementos Analíticos de 6/11/1879, tendo como tema: pátio de palácio. A pequena diferença de data pode resultar da distância entre a realização do concurso e o seu julgamento. Parece estranho esse longo tempo, entre agosto de 1878 e setembro de 1879, sem nenhum outro registro; é

possível que durante esse período Magalhães tenha se inscrito em outros concursos, sem conseguir nenhuma recompensa.

Os concursos de Elementos Analíticos foram criados pelo Regulamento de 1878, para a 2^a classe: eram estudos de composição em grande escala sobre temas fragmentários e evidenciavam a predominância de elementos ligados à arquitetura clássica⁴³.

Antes de ligar-se à *École des Beaux-Arts*, Magalhães tinha sido aluno da *École de Dessin et Mathématiques*, onde foi autorizado como aluno definitivo em 1876⁴⁴.

Além dos trabalhos na Comissão Construtora de Belo Horizonte, estudados por Heliana Angotti Salgueiro, Magalhães é citado como tendo participado da reforma do antigo prédio da Prefeitura do Rio de Janeiro, no Campo de Santana, inaugurado em 1882.

HENRIQUE BAHIANA

Henrique Oscar Bahiana nasceu em 1867 na Bahia. Na *École*, o documento de inscrições estrangeiras⁴⁵ mostra que foi inscrito como aspirante em julho de 1886 e a sua ficha de aluno⁴⁶ evidencia que nessa mesma data fez provas de admissão e foi admitido na 2^a classe, aluno de André⁴⁷.

A admissão em 1886 seguia ainda o Regulamento de 1878 : consistia em cinco provas - Desenho de Ornamento, Composição de Arquitetura, Matemática, Geometria Descritiva e História.

A já citada ficha de aluno e o documento de atas de julgamento de concursos de 2^a classe⁴⁸ mostram a sua trajetória nessa categoria : participou dos concursos de Geometria Descritiva em abril de 1887 e de Estereotomia em agosto de 1887.

Cursou concomitantemente a *École spéciale d'Architecture*, diplomando-se em 1887. Essa escola foi criada inicialmente com o nome de Escola Central de Arquitetura em 1865 com o apoio de arquitetos importantes como Viollet-le-Duc e Henri Labrouste. Ficou relativamente na sombra, provavelmente pelo prestígio da *Beaux-Arts*, mas também pelo seu estatuto específico: única escola de arquitetura privada da França. No entanto, seus ensinamentos inovadores acabaram influenciando as escolas públicas, tendo sido a primeira escola a conceder diploma.

De volta ao Brasil, ainda se sabe pouco sobre sua atuação. Morreu em 1898 com 31 anos. É citado como tendo feito a reforma da fachada do prédio da antiga Escola da Freguezia de S. José, depois Assembléia Municipal, no Rio de Janeiro.

LUDOVICO BERNA

João Ludovico Maria Berna nasceu na Itália, em 1865, naturalizando-se brasileiro em 1887. Do seu tempo de aluno da Academia no Rio, são dois projetos no Museu da Escola de Belas Artes – D. João VI / UFRJ: *Projeto para Biblioteca Nacional* de 1884 e *Detalhe da fachada de Academia* em 1885⁴⁹. Obteve o prêmio de viagem ao estrangeiro em 1887, junto com o pintor Oscar Pereira da Silva, num concurso bastante tumultuado e polêmico. O concurso acabou sendo anulado em 1888 e revalidado mais tarde em 1890, já na República. Assim, os dois laureados só puderam partir em 1890.

Na sua ficha da *École*⁵⁰, consta que foi admitido no ateliê de Moyaux⁵¹ em outubro de 1891. Mas houve nova polêmica em torno do seu desempenho e do limite de idade, até o cancelamento de sua pensão em janeiro de 1893⁵².

De volta ao Brasil, Berna desenvolveu grande atividade profissional. Em 1897 foi nomeado para a Escola Nacional de Belas Artes, na cadeira de

Arquitetura, e em 1911 foi transferido para a cadeira de Desenho Geométrico. Entre suas obras, consta o antigo prédio do Jornal do Brasil na Avenida Central no Rio de Janeiro, terminado em 1910.

A análise da trajetória desses sete alunos brasileiros em Paris nos revela que eles participaram do sistema de ensino da *Beaux-Arts* em Paris de forma diferenciada. Dois deles - Jorge Grünewald e Ludovico Berna - não entraram para a 2^a classe, ficando apenas na categoria de aspirante. José Rodrigues Moreira, enfrentando a mudança de idade pelo Regimento de 1863, não pode se apresentar ao exame de admissão, mas frequentou como aluno externo durante quatro anos. Três tiveram êxito no exame de admissão e chegaram à 2^a classe: Daniel Ferro Cardozo desiste logo no início; José de Magalhães e Henrique Bahiana avançaram um pouco mais, sem, no entanto, concluir os requisitos exigidos desta fase. Francisco Caminhoá conseguiu vencer todas as etapas - de aspirante, 2^a classe e 1^a classe – embora desista no início desta última, possivelmente pelas mudanças provocados pela Reforma de 1863 e pelo desestímulo que todo estrangeiro sofria em não poder se candidatar ao *Grand Prix*.

Mesmo diferenciado, o desempenho desses brasileiros segue, em linhas gerais, o padrão médio dos alunos contemporâneos, tanto franceses quanto estrangeiros. Para todos, a aprovação no exame de admissão e depois a obtenção da pontuação necessária para a passagem da 2^a para a 1^a classe eram tarefas difíceis. Dessa forma, o fracasso ou o pouco sucesso dos alunos brasileiros devem ser vistos como usuais e, inclusive, não determinantes da capacidade futura do profissional, como foi o caso dos outros antigos alunos da *École* - tais como os americanos Henry Richardson e Louis Sullivan – que depois se tornariam arquitetos influentes ligados à Escola de Chicago; e também o do espanhol Adolfo Morales de los Rios - que se destacaria futuramente como arquiteto no Rio de Janeiro⁵³. Em contrapartida, o sucesso

de Caminhoá deve ser enfatizado, correspondendo a um desempenho acima da média geral.

Acreditamos que a trajetória desses brasileiros como alunos da *École* constitui um instrumento privilegiado para se conhecer de forma mais concreta a arquitetura do século XIX, tanto na Europa quanto no Brasil. No nosso caso específico, pode contribuir para se entender melhor a obra posterior desses arquitetos no Brasil, verificando a marca do ensinamento da *École des Beaux-Arts de Paris*.

¹ Arquivos Nacionais / Paris: AJ-52-3. A documentação administrativa da *École*, referente ao período de 1793 a 1968, encontra-se nos Arquivos Nacionais em Paris. Compreende temas diversos, como administração da escola, gestão das coleções da biblioteca e do museu, e sobretudo ensino – incluindo, por exemplo, regulamentos, currículos, registros de alunos e de professores, temas propostos para concursos, questões para exames, premiações, atas das sessões de julgamentos e correspondência (Archives nationales. *Archives de l'École nationale supérieure des Beaux-Arts: AJ-52-1 à 1415. Inventaire par Brigitte Labat-Poussin*. Paris: Centre historique des Archives nationales, 1998, p. 7-16).

² O Grand Prix de 1799 estruturou-se da seguinte maneira:

- A primeira fase ocorreu em 20/4/1799 (1 Floreal), constituída de *esquisse*, cujo programa foi uma mesquita (planta geral e corte). Apresentaram-se 48 candidatos. O julgamento realizou-se em 21/4/1799 (2 Floreal), selecionando 23 candidatos, considerados admitidos para o concurso do *Grand Prix*.
- O concurso do *Grand Prix* realizou-se em 25/4/1799 (6 Floreal). O programa foi um eliseu ou um cemitério público (para as *esquisses*, uma planta e um corte gerais; para os *dessins rendus*, uma planta e um corte gerais e uma planta e um corte do monumento principal). As *esquisses* deviam ser entregues no dia seguinte (7 Floreal) e os *dessins* posteriormente (25 Frutidor).
- O julgamento das *esquisses* deu-se em 26/4/1799 (7 Floreal) com a admissão definitiva de oito concorrentes: nos dois primeiros lugares, estavam Louis Silvestre Gasse e Grand-Jean, ambos com 14 pontos.
- O julgamento dos *dessins* aconteceu em 23/9/1799 (2 Vindimário do ano 8). Foi dado o Primeiro Grande Prêmio ao projeto E (Louis Gasse). Havendo prêmios de reserva, foi concedido um Segundo Primeiro Prêmio ao projeto Q (Grand-Jean). O Segundo Prêmio foi para o projeto D (Guignet).

³ Também no Delaire aparece como Henri-Augustin-Victor Grandjean, 1776/1850 (Delaire, Edmond. *Les architectes élèves de l'École des Beaux-Arts : 1793-1907*. 2ª ed., Paris : Librairie de la Construction moderne, 1907, p. 281).

⁴ Drexler, Arthur. *The architecture of the Ecole des Beaux-Arts*. New York: The Museum of Modern Art, 1977, p. 125.

⁵ Acervo da Biblioteca Nacional e do Museu da Cidade, ambos no Rio de Janeiro.

⁶ Acervo do Museu da Escola de Belas Artes – D. João VI / UFRJ: 79.944.04, 79.934.04 e 79.919.04 respectivamente.

⁷ Relação dos 17 pensionistas da Academia Imperial de Belas Artes com especificação de curso, data do prêmio e local escolhido para estudo :

- Rafael Mendes de Carvalho – pintura – 1845 – Roma (anterior à instituição do Prêmio de Viagem).
- Antônio Batista da Rocha – arquitetura – 1845 – Roma.

-
- Francisco Elídio Pânfiro – escultura – 1846 – Roma.
 - Geraldo Francisco Pessoa de Gusmão – gravura (medalhas) – 1847 – Paris.
 - Francisco Antônio Nery – pintura – 1848 – Roma.
 - Jean-Léon-Grandjean Pallière Ferreira – pintura – 1849 – Paris.
 - Agostinho José da Mota – pintura – 1850 – Roma.
 - Vítor Meireles de Lima – pintura – 1852 – Roma e Paris.
 - José Joaquim da Silva Guimarães – gravura (medalhas) – 1860 – Paris.
 - José Rodrigues Moreira – arquitetura – 1862 – Paris.
 - Caetano de Almeida Reis – escultura – 1865 – Paris.
 - João Zeferino da Costa – pintura – 1868 – Roma.
 - Heitor Branco de Cordoville – arquitetura – 1871 – Roma.
 - Rodolfo Bernardelli – escultura – 1876 – Roma.
 - Rodolfo Amoedo – pintura – 1878 – Paris.
 - Oscar Pereira da Silva – pintura – 1887 – Paris.
 - João Ludovico Maria Berna – arquitetura – 1887 – Paris.

⁸ Acervo do Museu da Escola de Belas Artes – D. João VI / UFRJ: 79.909.04 e 79. 932.04.

⁹ Na documentação de sua pensão (Arquivo Nacional/Rio de Janeiro : IE 7-14) consta a determinação de que ficaria dois anos em Roma, devendo no primeiro ano enviar « *desenhos de fragmentos antigos copiados dos originais* » e no segundo ano enviar uma composição « *cujo assunto será marcado por comunicação do Secretário deste Estabelecimento* » ; no terceiro ano, deveria viajar pela Itália e efetuar sua volta ao Brasil passando pela França.

¹⁰ AN/Paris: AJ-52-918.

¹¹ AN/Paris: AJ-52-173 e 174.

¹² Trata-se certamente de Henri Labrouste – *Grand Prix* em 1824, pensionista na Academia Francesa em Roma, cujos envios em 1829 provocaram a violenta repreensão de Quatremère de Quincy. Voltando para Paris em 1830, Labrouste abriu ateliê, que se transformou no lugar de maior oposição à ortodoxia da doutrina clássica da Academia. Manteve o ateliê durante 26 anos, desistindo em 1856: nenhum aluno seu chegou a ganhar o *Grand Prix* e ele próprio foi mantido à margem das encomendas oficiais – com exceção apenas das duas bibliotecas, Nacional e Santa Genoveva, que projetou em Paris.

¹³ Esta escola havia sido fundada em 1766 com o título de Escola Real Gratuita de Desenho. Manteve-se até os dias de hoje sob vários nomes : Escola de Matemática e de Desenho em favor das Artes Mecânicas, Escola Especial de Desenho e Matemática aplicadas às Artes Industriais e, finalmente, Escola de Artes Decorativas a partir de 1877. Foi freqüentemente utilizada como preparação ao exame de admissão à *École des Beaux-Arts*, tanto que Edmond Delaire a incluiu entre os ateliês preparatórios (Delaire, op. cit., p. 125).

¹⁴ AN/Paris: AJ-53-143.

¹⁵ AN/Paris: AJ-52-358.

¹⁶ Hyppolyte Lebas fundara seu ateliê em 1820 e dirigiu-o até sua morte, em 1867. Foi um dos mais populares e influentes ateliês de seu tempo, tendo entre seus alunos 15 *Grands Prix* e inúmeros arquitetos eminentes – entre eles, Charles Garnier. Foi também professor de História da Arquitetura na *École* de 1840 a 1863. Seguiu, de maneira geral, o classicismo dogmático aceito pela Academia de Belas Artes.

¹⁷ AN/Paris: AJ-52-173.

¹⁸ AN/Paris: AJ- 52-358 e 173 respectivamente.

¹⁹ Caminhoá aparece em inúmeras listas de presença em concursos de 2ª classe (AN/Paris: AJ-52-161, 162, 165 e 166) :

- Seu nome aparece em vários concursos das disciplinas ligadas às ciências exatas – Construção, Perspectiva e Matemática.

- Aparece, também, numa longa lista de concursos de Composição de Arquitetura. Em vários desses concursos, Caminhoá inscreveu-se, mas não entregou desenho - evidenciando o comportamento usual entre alunos da *École* que, após a inscrição, ao receber o programa, podiam desistir de desenvolvê-lo e retirar-se da *loge*.

- Em muitos outros desses concursos, no entanto, Caminhoá entregou os desenhos, constituindo uma relação muito interessante de temas.

- Inscreveu-se e entregou desenho nos seguintes concursos *Rendus* : mercado de trigo (2/10/1857), arco do triunfo (2/6/1858), casa no campo para apreciador de escultura antiga (6/10/1858), pátio de prédio para Ministro da Guerra (8/2/1860), estrebaria (6/6/1860), palacete mobiliado (8/8/1860), leiteria (3/10/1860), casa para quatro irmãos (5/12/1860), *odéon* ou sala de concerto (6/2/1861), banhos públicos para terreno irregular (3/4/1861), observatório para grande cidade de província (5/6/1861), escola normal (7/8/1861), praça pública (9/10/1861), café concerto para praça pública (4/12/1861), peristilo (5/2/1862), sala de assembléia legislativa (2/4/1862), *orangerie* (4/6/1862), escola normal primária (6/8/1862), casa de estatuário (8/10/1862), escola de Botânica (3/12/1862), mercado público (4/2/1863) e farol (8/4/1863)

- Inscreveu-se e entregou desenho nos seguintes concursos *Esquisses* : banheiro público (7/9/1859), observatório para divertimento (2/5/1860), tribuna para orador ao ar livre (4/7/1860), sala de baile de verão com café ((8/5/1861) e pequena casa de campo (2/7/1862).

²⁰ AN/Paris: AJ-52-173.

²¹ Delaire, op. cit., p. 55-72.

²² AN/Paris: AJ-52-168.

²³ AN/Rio: IE 7-38.

²⁴ AN/Paris: AJ-52-238.

²⁵ O ateliê de Douillard funcionou de 1860 a 1889.

²⁶ AN/Paris: AJ-52-173.

²⁷ A documentação sobre alunos estrangeiros (AN/Paris : AJ-52-238) esclarece que se trata do norte-americano Henry Richardson, indicado como tendo nascido em 29/9/1838, em New Orléans, aluno de André, e tendo entrado na 2º classe na mesma data : 20/11/1860. A *Encyclopaedia of Modern Architecture* apresenta uma biografia um pouco diferente do grande arquiteto americano, que se tornaria famoso na chamada Escola de Chicago: nasceu em 1838 em Sr. James Parish / La. e morreu em Boston em 1886; estudou na *Beaux-Arts* de Paris e trabalhou no ateliê de Henri Labrousse. Retornou aos Estados Unidos em 1865 (Hatje, Gerd. *Encyclopaedia of modern architecture*. London : Thames and Hudson, 1971, p. 242).

²⁸ AN/Paris: AJ-52-165.

²⁹ Cardozo aparece nos seguintes concursos de 2ª. classe:

- Inscreveu-se e apresentou desenho no concurso de Composição de Arquitetura *Rendu* (5/12/1860 - tema : casa para quatro irmãos).

- Inscreveu-se, mas não apresentou desenho nos seguintes concursos de Composição de Arquitetura : *Rendu* (6/2/1861 - tema : *odéon* ou sala de concerto), *Esquisse* (6/3/1861 - tema : porta de sala de guardas) e *Rendu* (3/4/1861 - tema : banhos públicos para terreno irregular).

³⁰ AN/Paris: AJ-53-143.

³¹ Instituto Nacional do Livro. *Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticas*. Brasília: MEC, 1974, vol. I, p..353.

³² AN/Rio: IE 7-19.

³³ AN/Paris: F-21-625.

³⁴ Segundo a documentação da Academia do Rio de Janeiro, o pensionista embarcou para a Europa em julho de 1863. Diante do decreto francês fixando a idade do aluno entre 15 e 25 anos, a Academia solicitou a intervenção do governo brasileiro em abril de 1864. Em 1865, a situação estava resolvida, sendo Rodrigues Moreira citado como aluno externo, freqüentando o ateliê de Lebas, o mesmo de Caminhoá. Em setembro de 1866, pedia autorização para se transferir para Roma, mas não foi atendido por falta de verba. Voltou ao Brasil em abril de 1867. Também na documentação do Ministério das Belas Artes da França há indícios das dificuldades para sua inscrição pela mudança de limite de idade : troca de cartas entre autoridades dos dois países acaba permitindo que Rodrigues Moreira freqüentasse a *École*.

³⁵ Programas dos concursos de 2ª classe em Composição de Arquitetura em 1865/1867 (AN/Paris : AJ-52-177):

- Composição de Arquitetura *Rendu* - chafariz ; *Esquisse* – vestíbulo de grande palácio (31/7/1865).

-
- Composição de Arquitetura *Rendu* – pequeno hospital (12/10/1865).
 - Construção em Metal – construção de estufa (9/10/1865).
 - Composição de Arquitetura *Rendu* – capela em castelo ; *Esquisse* – decoração do teto de *chauffoir* de seminário (2/12/1865).
 - Construção Geral – capela de relíquias em grande estrada (15/12/1865).
 - Composição de Arquitetura *Rendu* – tribunal de 1a. instância ; *Esquisse* – casa de agricultor (5/2/1866).
 - Composição de Arquitetura *Rendu* – distribuição de terreno irregular ; *Esquisse* – *chauffoir* com pórtico (2/4/1866).
 - Construção em Pedra – sala de conferências públicas e de biblioteca popular (11/4/1866).
 - Composição de Arquitetura *Rendu* – pavilhão de caça para soberano ; *Esquisse* – ponte em *jardin d'agrément* (4/6/1866).
 - Construção em Madeira – escola de equitação (13/6/1866).
 - Construção em Metal - esplanada precedida por pátio com pórticos para estabelecimento termal (4/8/1866).
 - Composição de Arquitetura *Rendu* – grande escada de palácio de soberano ; *Esquisse* – gruta (8/8/1866).
 - Composição de Arquitetura *Rendu* – casa de pintor de história ; *Esquisse* – capela rural (29/10/1866).
 - Construção Geral – posto de polícia marítima (12/12/1866).
 - Composição de Arquitetura *Rendu* – *odéon* ou sala de concerto ; *Esquisse* – exedra (4/1/1867).
 - Composição de Arquitetura *Rendu* – prefeitura ; *Esquisse* – confessionário (12/3/1867).
 - Construção em Pedra – casa de refúgio nas montanhas (15/4/1867).

³⁶ Acervo do Museu da Escola de Belas Artes – D. João VI / UFRJ: 79.926.04 e 79.927.04 respectivamente.

³⁷ AN/Paris: AJ-53-143.

³⁸ AN/Paris: AJ-52-926.

³⁹ AN/Paris: AJ-52-373.

⁴⁰ Pierre-Gerôme-Honoré Daumet dirigiu ateliê entre 1862 até 1895, conseguindo ter cinco alunos *Grands Prix*. Era de modo geral considerado um eclético moderado.

⁴¹ AN/Paris: AJ-52-173.

⁴² AN/Paris: AJ-52-177.

⁴³ Heliana Angotti Salgueiro, reportando-se ao documento AN/Paris : AJ-52-134, transcreve os títulos dos temas de concursos de Elementos Analíticos de 1876 a 1882 : um dos ângulos de pórtico em torno de pátio, fachada de palácio, detalhes de pórtico, entrada dos prédios de *hôtel de plaisance*, pórtico da ordem coríntia, porta *cochère*, capitel coríntio com detalhes, fachada de rico palácio particular, pórtico coberto, fachada de casa para alugar, escada circular, emprego de quatro fustes de colunas, capitel de ordem jônica grega, fachada e pórtico de villa, fachada de pequeno museu, estudo de ordem dórica grega, escada de palácio, fachada de teatro para cidade de segunda ordem, fachada de cassino, uma esplanada pública segundo Vitruvius, fachada de Palácio de Justiça, fachada de *orangerie*, fachada de casa de estatuário, fachada de casa burguesa, três peristilos, estudo completo de dois capitéis, grande sala de assembléias gerais academia de medicina, estudo da ordem toscana aplicada a mercado de cereais, fachada de circo para exercícios equestres, fachada de pavilhão de reunião ou estudo, pavilhão num bosque, fachada de farol etc. (Salgueiro, Heliana. Angotti.. *La Casaque d'Arlequin – Belo Horizonte, une capitale éclectique au 19e. siècle*. Paris, l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1997 , nota 51, p. 166).

⁴⁴ AN/Paris: AJ-53-143.

⁴⁵ AN/Paris: AJ-52-926.

⁴⁶ AN/Paris: AJ-52-387.

⁴⁷ Bahiana estava ligado ao ateliê oficial dirigido por Jules André, que, depois de dirigir um ateliê livre de 1856 a 1867 - de onde saíram dois alunos *Grands Prix* - , assumiu o ateliê oficial no lugar de Paccard , de 1867 até 1890.

⁴⁸ AN/Paris: AJ-52-178.

⁴⁹ Acervo do Museu da Escola de Belas Artes – D. João VI: 79.942.04 e 79.928.04 respectivamente.

⁵⁰ AN/Paris: AJ-52-387.

⁵¹ Trata-se de um ateliê oficial, iniciado por Paccard, dirigido em seguida por André, e que passa a Moyaux de 1890 a 1908.

⁵² Desde 1891, ele pedia para ser transferido para a Itália, por estar próximo de atingir o limite máximo de 30 anos. A demanda, no entanto, foi recusada : os professores Modesto Brocos e Rodolfo Amoedo afirmavam em seu parecer que, durante o tempo em que eles seguiram o curso da *École* em Paris, o limite de idade de 30 anos era uma exigência que se aplicava somente aos franceses. Em janeiro de 1893, a pensão de Berna foi suspensa pelo diretor da Escola Nacional de Belas Artes, Rodolpho Bernardelli. A razão apresentada para a suspensão foi o fracasso do pensionista, que não havia sido aprovado no exame da *École*. Uma controvérsia se estabeleceu na imprensa brasileira. Os defensores de Berna achavam que o problema se devia à sua desavença com o diretor Rodolfo Bernardelli. Curiosamente, isto não o impediu de engajar-se mais tarde como professor desta mesma Escola. Em 1898, os professores, reunidos na Congregação, pediram ao governo a sua oficialização como professor, dizendo que « *o prof. Berna, quando antigo aluno da ENBA, mereceu o prêmio de viagem a Europa, tendo remetido durante o seu tempo de pensionista trabalhos e documentos que provam a sua aplicação ao estudo da arquitetura no Velho Mundo* » (Atas das sessões da Congregação 18/10/1892 e de 9/6/1898 – Museu D. João VI/EBA/UFRJ). Junto à ficha de aluno (AN/Paris: AJ-52-387), há uma farta documentação em torno do problema de frequência ao ateliê de arquitetura e da divergência em relação ao seu desempenho no exame de admissão. Inicialmente, a *École* declara que ele praticamente não frequentara o ateliê e tinha sido reprovado no exame de admissão em fevereiro de 1892. Berna protesta veementemente, apresentando recibos de pagamento do ateliê e afirmando que não se apresentara a nenhum exame. Finalmente, a *École* parece concordar com essa última versão. De qualquer maneira, Berna teve somente a experiência de aspirante.

⁵³ Os dados sobre Adolpho Morales de los Rios como aluno da *École* encontram-se em AN/Paris: AJ-52-173 e 177. Para alunos americanos, ver *Richard Morris Hunt architecte 1827-1895*. Paris: Caisse Nationale des Monuments Historiques et des Sites, 1989; e Van Zanten, David. *Louis Sullivan: the function of ornament*. New York: Norton, 1986.